

# Um edifício que não vejo todos os dias o edifício da rua Delfim Ferreira de Artur Andrade

**Avelino Oliveira**, ARQUITECTO

Docente da Universidade Fernando Pessoa

Doutorando na Universidade Politécnica da Catalunha

[avoliv@ufp.edu.pt](mailto:avoliv@ufp.edu.pt)

## RESUMO

Apreciações sobre um edifício de comércio e de serviços do arquitecto Artur Andrade. O edifício localiza-se numa artéria de grande circulação da cidade e obtem pouca atenção dos milhares de transeuntes que todos os dias por ali circulam. Neste artigo propomos uma receita simples, recomendar um segundo olhar sobre esta obra corrente e ler a qualidade dos seus vários elementos arquitectónicos, sem exaltações, mas coerentemente.

## PALAVRAS-CHAVE

Artur Andrade, Porto, edifício na Rua Delfim Ferreira

## ABSTRACT

Basic analysis over a building designed by the 20<sup>th</sup> century Portuguese architect Artur Andrade. The building is located in one of the most traffic jam affected roads in the city of Porto and there a lack of attention to this architecture piece from the commuters. In this text we propose a simple recipe, a second look to this common building reading its architectonic elements, without elation, but reasonably.

## KEYWORDS

Artur Andrade, Porto, Rua Delfim Ferreira building

*“Para mim, também as casas são velhas amigas. Quando passei, cada uma delas parecem correr ao meu encontro na rua: alham-me com todas as suas janelas, dizendo algo como isto: «Bom dia! Como estás? Eu vou bem graças a Deus, muito obrigada! Em Maio vão-me aumentar um andar.» Ou: «Como vais? Amanhã vou entrar em obras.» Ou: «Estive quase a arder e tive bastante medo.» E outras coisas semelhantes. Tenho algumas preferidas, íntimas. Uma delas tem intenções de fazer uma cura, neste Verão, nas mãos de um arquitecto. Irei vê-la todos os dias, não vá ele matá-la; nunca se sabe. Deus a guarde!” [Dostoevsky, 1848], referindo-se à cidade de S. Petersburgo in Noites Brancas*

## O MODO CERTO DE VER

Confesso que já lá passamos vezes sem conta, quase sempre, ou melhor, quase unicamente de automóvel. É curioso que há sítios que achamos que conhecemos bem somente porque os vemos muitas vezes, achamos que podemos senti-los a partir das nossas bolhas, mas se raramente os percorremos a pé, olhando até detectar as imperfeições, ouvindo o ruído ao redor e o reflexo das suas luzes, provavelmente não os conhece lá muito bem.

Na obra construída de Artur Andrade há um edifício que não vejo todos os dias, guiando para o centro do Porto ou chegando à cidade vindo de Norte, no pleno de tráfego da cidade, todos os dias, provavelmente fixamos os olhos no trânsito sem olhar uma segunda vez para os volumes que desenhavam as fachadas que se escondem atrás das frondosas e resistentes árvores ao longo da Avenida Industrial. As árvores cortam-lhe a panorâmica das fileiras semi-organizadas de carros a toda a hora e amortecem a secura da paisagem que desde o rio Leça acompanha a estrada. Ape-tece afirmar que é devido à velocidade não se vê as coisas que nos rodeiam. São tantas essas fachadas na cidade que não se apreciam nem se olham, às vezes uma sequência de vãos onde somos incapazes de observar uma modelação cuidada, um registo formal, um desenho diluído em materiais e paisagens homogéneas. Também porque os edifícios verdadeiramente simples são difíceis de ler e a arquitectura pode muitas vezes ser anónima, até popular, mas não ne-

cessariamente banal. John Berger afirmava que olhar é um acto de escolha e a percepção de qualquer coisa é afectada pelo que sabemos ou pelo que acreditamos, assim, é possível entender que toda imagem incorpora um modo de ver. (Berger, 1999:7)



## UM LUGAR NO SUBÚRBIO

O edifício da Rua Delfim Ferreira é um edifício de cariz fabril, industrial e implanta-se num subúrbio, foi desenhado em 1965 por Artur Andrade sendo um dos principais do conjunto de edifícios, uns mais interessantes que outros, que nos recebem na Avenida da Associação Industrial Portuense, também designada por “via rápida”. No caso, este empreendimento, conhecido durante muito tempo como o edifício da “Transmotor”, foi afinal construído para receber a empresa “Edifical”, empresa cujo proprietário era o próprio arquitecto Artur Andrade [Pinto, 2008: 77-78], tendo resistido ao longo das últimas quatro dezenas de anos às múltiplas e diferenciadas utilizações que albergou.



O conjunto assenta-se numa mancha de implantação regular, de forma rectangular em planta, com um volume de dois pisos para a rua Delfim Ferreira e de um volume longilíneo com quatro pisos e um recuado para a já citada avenida da Associação Industrial Portuense. O edifício é rodeado por um arruamento próprio que delimita o lote realizando uma via perimetral em todo o terreno; este arruamento interno que permite fazer o circuito de acesso em torno do volume está demarcado pelos dois volumes (o da rua Delfim Ferreira e o da Avenida) que no seu piso térreo abrem passagens francas mas possuem construção contínua no desenvolvimento do lote. Morfologicamente a solução é muito simples e procura aproveitar as duas frentes de rua, sem prejuízo da mobilidade dos veículos e do estacionamento necessário. Assim, em planta observa-se uma peça sólida, bem delineada que ocupa todo o espaço possível do lote.

Assinale-se que, na época em que se consolidava esta avenida, a zona apresentava fortes mudanças físicas e sociais, pois nas décadas de 40, 50 e 60, esta Freguesia, Ramalde apresentava taxas de crescimento populacional de cerca de 40%, sendo no Porto uma das áreas que recebia em maior escala os fluxos migratórios das zonas rurais. Em simultâneo, o planeamento da cidade apresentava as opções estruturais urbanas no “plano de melhoramento da cidade”, em 1956, e pouco depois, no plano director municipal Auzelle de 1961, onde a freguesia de Ramalde perde definitivamente a sua vertente rural e transforma-se num espaço de preferência para a expansão residencial e para o sector secundário (Auzelle, 1961). Surgem novos e grandes infra-estruturas como a Ponte da Arrábida (1963), a via de ligação ao Porto de Leixões, o que vêm condicionar outras áreas de expansão da cidade do Porto.

O edifício da Rua Delfim Ferreira resulta desse contexto de expansão e concretizou-se mantendo-se vivo hoje. Património ou não, o conjunto de Artur Andrade é moderno e motriz de um processo urbano relevante para a cidade, e o seu programa, apesar de ambivalente, desempenha funções que deambulam entre o industrial e os serviços, o que viria a caracterizar quase todos os edifícios que lhe sucederam.



#### O DESENHO GERADOR DE FORMA URBANA

Assinale-se que a obra construída de Artur Andrade é escassa, embora de possua grande qualidade. Os poucos edifícios construídos (Pinto, 2008:78) indicam que este arquitecto dedicou a sua vida a múltiplas tarefas sendo a arquitectura apenas uma delas. No entanto o seu nome ficará indelevelmente ligado ao cinema Batalha, resistente, imponente e ondulante, mantém-se como um símbolo arquitectónico do movimento moderno na cidade do Porto e transporta na sua imagem um cosmopolitismo de influência “art deco” que julgo contaminado pelo trabalho feito à época pelos arquitectos brasileiros que se publicavam nas revistas de então e que imaginamos também ocupavam espaço nas mesas de trabalho e no estirador de Artur Andrade.

Acredito que o edifício Delfim Ferreira não faz parte do mesmo tempo (o Cinema Batalha é de 1947 enquanto este edifício é de 1967), nem possui a mesma dimensão simbólica, é um edifício de comércio e escritórios e, portanto, foi concebido com uma pressão menor, provavelmente pretendido para responder à requisição das necessidades empresariais debaixo de uma casca moderna e bem desenhada.

Num artigo publicado em 2002 José Manuel Fernandes questionava-se sobre se a arquitectura moderna ou modernizante do século XX seria ou não património: “[...] ou

*seja, toda a arquitectura neste tempo foi moderna, modernista ou modernizante? E se não, a outra arquitectura não terá igualmente um valor? [...] Particularizando, há conexões, ambiguidade e interpenetrações entre os conceitos de «arquitectura moderna», praticada no Pós-II Guerra Mundial, derivando do «Estilo Internacional», «modernista» (a arquitectura tentativamente moderna, nos anos 1910-1930), e «movimento moderno» (a arquitectura como acção política e social, defendida por uma dimensão teórica e ideológica). E se nenhuma destas práticas é a mesma, todas pertencem ao nosso século findo.» (Fernandes, 2005:99,100)*

A arquitectura portuguesa dos anos cinquenta, dizem alguns, acontece na sequência de um processo de encontros esporádicos e desencontros sucessivos com as questões centrais da arquitectura dita oficialmente moderna. O enquadramento da arquitectura portuguesa, nomeadamente a portuense deriva de um caminho de renovação em "continuidade", apesar da ODDAM e das outras manifestações mais sociais, que não reveste com suficiente força a produção corrente de arquitectura das bandeiras de um conteúdo ideológico preciso. Apesar disso, o grupo dos arquitectos modernos portuenses preservavam a ideia do colectivo, como veículo ideológico da divulgação dos princípios e cânones modernos (Correia, 2006:10), tomados como premissas colectivas e aceites como bases transformadoras da arquitectura, na sua capacidade de resposta à sociedade. Assim, a arquitectura moderna no Porto, onde se colocava sempre e muito bem o trabalho de Artur de Andrade, apresentava apenas o conhecimento das matrizes essenciais da cidade tradicional, mas actualizada da inovação tecnológica proveniente das correntes europeias (Tostões, 1997: 33,34). Deste modo, os elementos estéticos do moderno aparecem fragmentados e centrados na objectividade da peça arquitectónica, centrando a atenção no desenho do objecto, o que resulta em exercícios formais não muito diferentes dos melhores exemplos europeus, pois o desenho das obras portuenses acompanhava a temática modernista no desejo de articulação entre o construído e a natureza, considerando o edifício como um elemento gerador da forma urbana.



### **AINDA É MODERNO**

Hoje chega até nós apenas como um edifício com traços modernista, talvez aos olhos de muitos como nós, apenas mais um. No entanto, apesar das múltiplas alterações que o decorrer dos anos acrescentaram ao projecto original, principalmente às suas fachadas, o edifício mantém o seu carácter, a sua identidade, as suas características.

Na verdade mesmo para aqueles que fruto da velocidade do automóvel nunca antes as admiraram, foi olhar sem ver, passar sem reparar, de esguelha, às vezes notando um por menor, provavelmente aquele janelão a fazer de montra que ultimamente lhe fizeram para mostrar um qualquer automóvel último modelo.



Observe-se antes a modelação de aberturas que lhe compõe o alçado, vãos ou janelas delgadas, elegantes, ordenadas orientadas, intemporais. Aquela fachada revela-se

como sendo neutra mas não revela a idade, exageramos afirmando que se apresenta quase como uma visão antropomórfica de uma qualquer citação tratadista, retirada de um clássico Italiano como Filarete, Alberti ou assim, que defenderiam unanimemente que esta arquitectura por ser boa, se estabelece como um prolongamento do corpo humano, na plena relação com a coisa construída e porventura com a natureza. Efectivamente, aquele alçado modelado e uniforme, equilibrado envelhece mas não perde altivez nem desenho. É por isso moderno. Hoje chega até nós um edifício de traço modernista, apesar das múltiplas alterações que o decorrer dos anos acrescentou ao projecto original, principalmente nas fachadas.

Aproximando-nos de uma leitura mais formal, notamos que as fachadas de rua Delfim Ferreira e a fachada da Avenida Industrial parecem de mundos opostos, de escalas distintas e de linguagens diversas. Na fachada da rua Delfim Ferreira observam-se os traços "art deco", elegantes e funcionais, não sei se influenciados ou não pelo cubismo, mas sublinhando muito mais os contextos técnicos que os objectivos ideológicos [Benévolo, 2007: 419 a 422], assim nota-se bem a racionalização dos volumes e parca utilização dos elementos de ornamentação, ainda que existissem ornamentações pontuais e com materiais que representassem modernidade.



Os volumes e a sua caracterização morfológica seguiram as tendências culturais da época, com a inclusão de elementos em betão armado na sua estrutura, de formas rectas e/ou geométricas nas suas fachadas e até de desejos de abstracção e de modernidade na sua cada vez mais rarefeita decoração ou composição simétrica [Fernandes, 2002:99-104], transformando estas aportações compositivas em maneirismos modernos, quase se diria, pois apesar de serem eles mesmo o mote de que o ornamento desapareceu, pois o ornamento era a etiqueta de uma cultura baseada no Artesanato [Giedion, 1997: 85], traduziam-se em códigos algo desconexos entre forma e linguagem. No entanto, a simplicidade e a busca da pureza no desenho acabava por proporcionar todo o conjunto numa euritmia desejada.

Como os elementos verticais nos envidraçados, pequenos e altos relevo que delineiam o *skyline*, mas que no seu conjunto equilibram um desenho simples que joga com a escala da fachada, abrindo-se em envidraçados amplos no piso térreo enquanto os pisos superiores são marcados por um ritmo de aberturas verticais em conjunto com pilaretes adoçados e ponteadas pelos topos visíveis das vigas das consolas.

Na avenida o desenho é horizontal enquanto na Delfim Ferreira a composição enfatiza os ritmos verticais. O alçado da "via rápida" tornou-se em poucos anos no elemento principal da "Transmotor", símbolo de uma estética industrial mas sustentado numa composição modular regida pela estrutura de origem funcionalista retratada nas múltiplas «janelas» que ordenadamente lhe compõe o alçado. Se observarmos atentamente para aquela malha regular de envidraçados, com vãos delgados, descobrimos um desenho elegantes, janelas ordenadas e orientadas, com uma

imagem intemporal. No conjunto aquela fachada revela-se como sendo neutra e não demonstra a idade. Nem a idade dos materiais, nem a idade do desenho original, pois subsiste contemporânea.



Em planta o edifício teve uma concepção simples e racional por parte de Andrade, o programa original incluía, segundo Pinto (2008: 76) três áreas distintas, a primeira destas áreas possuía a entrada servindo de acesso principal e público através de um hall, que incluía uma recepção, um espaço de exposições. Agregado a este hall o arquitecto desenhou um refeitório e uma garagem. A segunda área era reservada para funcionários e o seu acesso era também realizado através de um hall, neste caso com ligação aos vestiários, aos sanitários e à denominada sala de ferramentas. Finalmente a terceira área caracterizava-se como o espaço destinado à instalação das máquinas industriais.

Assinale-se ainda que no piso superior da Rua Delfim Ferreira, também foi delimitada a divisão dos espaços. Numa secção estavam situados os escritórios, incluindo sanitá-

rios e zonas de arquivos, enquanto noutra secção independente encontravam-se as zonas de apoio aos funcionários e ao armazém.

O edifício tem uma marca explicitamente visível em planta: a sua composição modular. Percebemos que foi desenhado segundo a sua estrutura, portanto, de compreensão muito acessível e capaz de se adaptar a diferentes usos bem como posteriores adaptações.

### A SOBREVIVÊNCIA DE UM EDIFÍCIO

O edifício de Delfim Ferreira chegou até nós sem mutilações que nos impeçam de perceber os traços do arquitecto. Não determinou uma tipologia de edificações semelhantes nem prescreveu ditames da imagem do tardo-moderno português. No entanto, revela várias gerações de usos e manteve-se lá todos os dias para que os que quiserem ver uma arquitectura corrente de Artur de Andrade mereça um melhor olhar, um destes dias.



## **BIBLIOGRAFIA**

**Ruzelle, R.** (1962). *Plano Director Municipal*, Porto, CMP.

**Benévolo, L.** (2007). *Historia de la arquitectura moderna*, Barcelona, GG, 1ª ed. 1974.

**Berger, J.** (1999). *Modos de ver*, Barcelona, GG

**Dostoevsky, F.** (2010). *Noites Brancas*, Porto, Biblioteca de Verão, 1ª ed. 1948.

**Correia, Miguel F.** (2006). *ODAM, um movimento que vai além de um contexto circunstancial e efêmero*, monografia para a obtenção de grau de licenciado em arquitectura na UFP, Porto, edição do autor.

**Fernandes, J.M.** (2005). *Arquitectura Portuguesa*, Lisboa, Cotovia.

**Giedion, S.** (1997). *Escritos escogidos*, Múrcia, Libreria Yerba.

Junta de Freguesia de Ramalde, *História. Nascimento e Administração da Freguesia* [em linha]. Disponível em: <<http://www.jf-ramalde.pt/asp/paginas.aspx?id=9>> [consultado em 15 de Dezembro 2010].

**Pedreirinho, J.M.** (1994). *Dicionário dos arquitectos activos em Portugal do século I à actualidade*, Porto, Afrontamento.

**Pinto, P. S.** (2008). *Obra e Vida de Artur Andrade*, monografia para a obtenção de grau de licenciado em arquitectura na UFP, Porto, edição do autor.

**Tostões, A.** (1997). *Os verdes anos na Arquitectura Portuguesa dos Anos 50*, Porto, FAUP.